

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MATHEUS PEREIRA AQUINO

**A DIALETICIDADE DE ENGELS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO
DO CONCEITO DE FAMÍLIA**

GOIÂNIA,
2021

MATHEUS PEREIRA AQUINO

**A DIALETICIDADE DE ENGELS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO
DO CONCEITO DE FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado à Coordenação de Pesquisa do
Curso de Licenciatura em História da Escola
de Formação de Professores e Humanidades
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Prof. Me. Leandro Alves Martins
De Menezes

GOIÂNIA,
2021

Espaço reservado para inserção da ficha catalográfica.

Pereira Aquino, Matheus
PA657d A DIALETICIDADE DE ENGELS ACERCA DO
DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE FAMÍLIA / Matheus
Pereira Aquino. -- Goiânia, 2021.
38 f.

Orientador: Leandro Alves Martins De Menezes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de
Professores e Humanidades, Licenciatura em História, 2021.

1. FAMÍLIA. 2. PROPRIEDADE. 3. PATRIARCADO. 4.
Friedrich Engels. I. Alves Martins De Menezes,
Leandro, orient. II. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº _____ Semestralidade 2021-2

Autor(a): Matheus Pereira Aquino

Título: A Dialécticidade de Engels acerca do desenvolvimento
do conceito de família

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a **Semana Científica de História**, realizada em dezembro de 2021, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos(as) docentes nomeados(as) abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História, considerado aprovado com conceito A.

Goiânia, 08 de dezembro de 2021.

Prof. Me. Antônio Luiz de Souza (avaliador)

Prof. Me. Leandro Alves Martins de Menezes, orientador e presidente da banca.

Visto da Coordenação de Pesquisa em História

Coordenação de Pesquisa em História. Escola de Formação de Professores e Humanidades, 5º Andar. Rua 227, Qd. 66, nº 3.669 – CEP 74.605-080. Telefone: +55 (62) 3946 1686.

Dedico este trabalho ao meu filho
Benjamin, o meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento em especial ao meu pai, que me deu a vida e a oportunidade de estudo, acreditou em mim e nos meus sonhos, a você dedico essa conquista. Agradeço o meu filho, por ser tudo para mim e com um simples sorriso me dá a força necessária para não desistir. Meu agradecimento a Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás e ao corpo docente que demonstrou comprometimento com a qualidade e a excelência do ensino. Ao meu professor e orientador Leandro Alves Martins De Menezes, meu sincero agradecimento, por toda paciência, empenho e confiança. Sem a sua ajuda e incentivo nada disso seria possível. Em seguida, agradeço ao meu amigo Gervison Eduardo de Souza que mostrou seu apoio em momentos precisos. Obrigado pela troca de ideias e pela ajuda mútua. Por fim, agradeço a todos que fizeram e fazem parte da minha jornada. Meu muito obrigado.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo apresentar o pensamento dialético do filósofo e teórico revolucionário prussiano, Friedrich Engels, com o foco principal no materialismo histórico e conflito das classes, analisando as significativas mudanças na instituição familiar, juntamente com ela a mercantilização do casamento através da preservação do patrimônio masculino. Procurando retratar as estruturas de classes, a opressão e a privatização do gênero feminino, a autoridade masculina, o controle da reprodução biológica e a propriedade privada. Fornecendo insumos consistentes para desvendar a natureza material e histórica dos modos de organização da vida social e familiar.

Palavras-chave: FAMÍLIA, PROPRIEDADE, PATRIARCADO, FRIEDRICH ENGELS.

ABSTRACT

This monograph aims to present the dialectical thinking of the Prussian revolutionary philosopher and theorist Friedrich Engels, with the main focus on historical materialism and class conflict, analyzing the significant changes in the family institution, together with the commodification of marriage through the preservation of the male heritage. Seeking to portray class structures, the oppression and privatization of the female gender, male authority, the control of biological reproduction and private property. Providing consistent inputs to unravel the material and historical nature of the modes of organization of social and family life.

Palavras-chave: FAMILY, PROPERTY, PATRIARCHY, FRIEDRICH ENGELS.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 FAMÍLIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	11
1.1 Quem é Friedrich Engels? Quais são as suas preocupações?	11
1.2 Juventude Hegeliana	16
1.3 Materialismo Histórico dialético	20
1.4 A origem da família, da propriedade privada e do Estado	24
1.5 Matriarcado	29
1.6 Patriarcado	31
2 FAMÍLIA PATRIARCAL: O DECLÍNIO FEMININO	35
2.1 A formação da família nuclear	35
2.2 A subordinação imposta à mulher	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa monográfica aborda a evolução histórica da família, amparada pela concepção de família através da obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* de Friedrich Engels. Fornece insumos consistentes para desvendar a natureza material e histórica dos modos de organização da vida social e familiar. A obra tem como fator principal, o materialismo histórico, cuja análise foca na descrição do capitalismo e no conflito de classes.

Dessa forma, o capítulo primeiro se destina a apresentar questões relevantes através de concepções marxistas sobre a evolução da sociedade, desde o “comunismo primitivo”, decorrendo uma extensa discussão sobre a sociedade antiga, descrevendo estágios de modelos familiares, que surgiram do matrimônio por grupos, anteriormente à monogamia. Engels cita a primeira instituição doméstica na história, a clã matrilinear, tendo como destaque o papel ocupado pela mulher em ambas as configurações familiares, mostrando a transformação da propriedade coletiva para a propriedade privada, a substituição da comunidade gentílica, pela família individual, que está alicerçada no patriarcado e na monogamia, dando espaço ao surgimento da propriedade privada. No final do comunismo primitivo, nasce a opressão de classe, juntamente com o surgimento da propriedade, inclusive a opressão feminina com a subordinação da mulher ao direito paterno a fim de garantir a transmissão de linhagem e propriedade, “a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução”. (ENGELS, 1985, p.61), privatizando o corpo da mulher ao longo da história.

O capítulo dois irei tratar da família nuclear patriarcal, que através da monogamia gerou a primeira divisão sexual do trabalho onde a mulher passa a ser privada, e seu trabalho não é mais considerado produtivo como antes, o homem passa a realizar todo o trabalho produtivo; a mulher passa a viver em prol da casa e dos filhos. Segundo Saffioti (1979, p. 11), quando afirma que é natural que a mulher se ocupa do espaço doméstico deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, naturalizando um resultado da história.

1. FAMÍLIA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

1.1 Quem é Friedrich Engels? Quais eram as suas preocupações?

Friedrich Engels foi um filósofo alemão, nascido no dia 28 de novembro de 1820, em Barmen, na Prússia. Foi fundador ao lado de Karl Marx da dialética marxista. Coautor de diversas obras de Marx, escreveu a *Ideologia Alemã* e o Manifesto Comunista, completando os volumes 2 e 3 de *O Capital*, após a morte de Marx. Entre outras obras escritas por ele como, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*¹; *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*²; e numerosos artigos polêmicos.

Engels era filho de rico industrial alemão, cursou a escola secundária, mas não chegou a concluí-la, sendo levado pelo pai a trabalhar no escritório de uma empresa de exportação, com vistas de adquirir experiência para entrar nos negócios da família, em Bremen, onde residiu durante três anos. Engels em Bremen escreveu diversas críticas literárias social e cultural, realizando seus primeiros estudos nas obras de Hegel e na filosofia hegeliana contemporânea. Engels foi um organizador político, colaborando na formulação ideológica e participativa da política nos partidos socialistas da Europa, dentre elas Alemanha, França e Inglaterra. Engels teve sua participação na *Liga dos Comunistas*³, uma organização política composta de exilados

¹ A obra *A Situação da classe Trabalhadora na Inglaterra* é um escrito de Friedrich Engels, durante sua vida em Manchester, tendo um contato direto com o proletário em Manchester enquanto trabalhava na fábrica têxtil de seu pai, esta polémica contundente explora o curso humano da Revolução Industrial na Inglaterra vitoriana. Engels escreve a obra de 1842 a 1844, a publicando pela primeira vez em 1845, Manchester estava no centro da Revolução Industrial e Engels compilou seu estudo a partir de suas próprias observações e relatórios contemporâneos detalhados, relatando a vida cotidiana, nas novas cidades industriais - retratando moradias superlotadas, pobreza abjeta, trabalho infantil, exploração sexual, sujeira e embriaguez - em uma denúncia selvagem da ganância da burguesia.

² A obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, foi escrita por Friedrich Engels em 1884, tendo como base as pesquisas de Karl Marx sobre o trabalho de Lewis H. Morgan – *A Sociedade Antiga* (1871).

³ A Liga dos Comunistas foi uma organização internacional marxista, embora seu nome anterior fosse "Liga dos Justos" cuja foi fundada em 1836 por revolucionários alemães. Inicialmente sua orientação ideológica como Liga dos Justos era o socialismo utópico, onde "todos os homens são irmãos", adotando como objetivo principal o estabelecimento do reino de Deus na terra, com base nos ideais de amor ao próximo, igualdade e justiça. Mais tarde a Liga se tornou uma organização internacional com a participação de Karl Marx, Friedrich Engels e Johann Eccarius, mudando seu antigo lema da Liga, "Todos os homens são irmãos", para um novo grito de batalha, "Proletários de todos os países, unidos! Proclamando abertamente o carácter internacional da luta.

políticos alemães; redigindo em parceria com Marx, o documento político: *o Manifesto do Partido Comunista* em 1848.

Por um tempo Engels fez parte do grupo de esquerda dos “Jovens Hegelianos”⁴, criado após a morte do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, representado pelo teólogo David Strauss, o historiador e teólogo Bruno Bauer, o Max Stirner e entre outros, que procuravam tirar conclusões radicais da filosofia hegeliana; fundamentado na necessidade de transformação da burguesia⁵ alemã. Hegel foi um filósofo alemão, de concepção idealista e tem como obra principal, *A Fenomenologia do Espírito*⁶, escrita em 1807.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel acreditava que tudo o que pode ser pensado é realidade e tudo que é real pode ser pensado, para ele não há limites para o conhecimento, na medida em que a racionalização passa a se realizar através da dialeticidade. O método dialético⁷ de Hegel inclui um conceito de movimento, onde o processo atinge o seu resultado em seus conflitos e oposições. A dialética de Hegel tem como elemento primordial a ideia, o pensamento ou o espírito. Seu progresso se

⁴ Os Jovens Hegelianos eram um grupo de intelectuais cujo tema comum era a aplicação contínua do método dialético de Hegel. “O movimento tem o seu início e fim bem demarcados – de 1830 a 1848. Ele aparece no tratado ignorado de Feuerbach, Pensamentos sobre a Morte e Imortalidade, e faz a sua última expressão coerente no O Reino do Intelecto e o Indivíduo, de Karl Schmidt” (VENÂNCIO, 2016, p.194). Logo após dando o surgimento de uma geração mais jovem dos Jovens Hegelianos (Karl Marx e Friedrich Engels), fica limitada a um âmbito interno, tal como bem mostra *A Ideologia Alemã* e *A Sagrada Família*, ambos de 1845.

⁵ “Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, que não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver” (COGGIOLA, 2010, p.40). (Notas de F. Engels à edição inglesa de 1888)

⁶ Essa obra de Hegel apresenta sua própria posição filosófica e, ao mesmo tempo, sua "dedução histórica", ou seja, um tipo particular de história da filosofia e da história em geral, porque uma filosofia particular sempre expressa alguma forma do mundo. No título da obra, dois opostos são combinados - "espírito", que é a verdade última, e suas manifestações, formas fenomênicas ou "fenômenos", que são diferentes da verdade. O conceito de fenomenologia como a descrição das várias manifestações do espírito em sua sucessão necessária inclui a ideia da relação essencial entre a verdade e a falsidade. O caminho da verdade passa por erros e mesmo quando a verdade absoluta já apareceu no mundo, ela não pode ser conhecida de outra forma senão seguindo todo o caminho em mente - o caminho de se libertar gradualmente do que não é verdadeiro, mas do que são as aparências.

⁷ Segundo Takeuchi (2008, p.20), a dialética é uma forma de raciocínio que enfatiza duas características. A primeira é a ênfase na mudança. Em vez de referir-se a algo estático, refere-se ao processo e ao movimento. A segunda é sua ênfase nos opostos. A mudança ocorre através do conflito e da oposição, de acordo com o raciocínio dialético. O ponto inicial do movimento dialético é a tese. O próximo estágio é para que essa tese se mostre inadequada ou inconsistente. É a oposição ou a negação do primeiro estágio e, portanto, é conhecida como antítese. O segundo estágio, então, também demonstra ser inadequado ou inconsistente. Assim, resulta um terceiro estágio, conhecido como síntese. É neste estágio que a tese e a antítese prévias reconciliam-se e transcendem. Com o tempo, no entanto, mesmo a síntese tornar-se-á unilateral de alguma forma. Servirá então como tese para um novo movimento dialético.

dá pela sucessão da tese, antítese e síntese, propondo o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo, “a dialética hegeliana progride de duas maneiras básicas: trazendo à luz o que está implícito, mas não foi articulado numa ideia, ou reparando alguma ausência, falta ou inadequação nela existente” (BOTTOMORE, 1988, p.101, 102).

Engels em 1841, começa a frequentar aulas de filosofia na Universidade de Berlim. Unindo-se ao grupo dos jovens hegelianos, destacando-se na crítica da filosofia conservadora de Schelling, teórico opositor das ideias de Hegel. Engels cria uma concepção materialista mais cedo que Marx. Em 1842, foi para Manchester, a trabalho, assumindo por um tempo a direção da fábrica têxtil de seu pai, durante seu tempo na fábrica, Engels conhece Mary Burns, uma trabalhadora e ativista política irlandesa, e criam um relacionamento que dura até a morte de Mary em 1863. Lizzie Burns irmã de Mary fica morando com Engels, tornando-se parceira de Engels em 1870. Tanto Lizzie quanto Mary, foram quem mostraram a Engels as entranhas dos estratos sociais mais baixos e as condições reais dos assalariados nas fábricas da Grã-Bretanha, e foi durante esse período que Engels desenvolveu sua teoria sobre as classes trabalhadoras, ao observar a miséria e as condições dos operários que viviam dentro do regime capitalista, através do seu primeiro contato com o movimento proletário organizado, o cartismo⁸, favorecido pela crise econômica de 1841-1842 e pela deterioração das condições dos trabalhadores britânicos.

Os cartistas atuavam em favor da greve política geral, forçando o parlamento a aprovar a "Carta do Povo"⁹, exigindo melhorias e aumentos salariais. Eventualmente suprimidos pelas forças armadas do governo britânico. Para Engels, somente a derrubada completa da aristocracia e da aristocracia industrial poderia melhorar as condições materiais e de vida dos proletários. Engels buscou estudar a situação social

⁸ “O Movimento Cartista atuou no âmbito da Grã-Bretanha, mais especificamente na Inglaterra, e foi organizado como forma de resistência às péssimas condições de vida e trabalho e de luta pela participação política da classe trabalhadora nos assuntos do Estado” (DA SILVA, 2019, p.10).

⁹ “A Carta do Povo, enviada ao parlamento em 1838, trazia as seguintes reivindicações: sufrágio universal masculino; pagamento aos deputados; votação secreta; parlamentos anuais; igualdade dos distritos eleitorais; e supressão do censo de bens para fins de elegibilidade. A estratégia utilizada pelos cartistas girava em torno, principalmente, das coletas de assinaturas realizadas nas oficinas, nas fábricas e em reuniões públicas, por meio de uma série de Petições Nacionais enviadas à Câmara dos Comuns.” (DA SILVA, 2019, p.27).

do país, observações que serviram de base para escrever *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, publicada em 1845.

Outro importante artigo de Engels foi o *Esboço de uma crítica da economia política*, o artigo foi o primeiro ensaio de crítica materialista dialética da ciência econômica burguesa, onde as categorias da economia política são analisadas a partir de uma perspectiva dialética marxista. Engels foi o primeiro a identificar na propriedade privada a base da vida material e intelectual da sociedade burguesa. Historicizando as categorias econômicas, revelando o condicionamento histórico-social, onde a concorrência surge em decorrência da propriedade privada, uma luta onde quem impera é a lei dos mais fortes, estando o mais fraco, condenado a perecer, onde na indústria, a grande produção desaloja a pequena produção, na agricultura, a propriedade fundiária absorve a exploração camponesa. Gerando leis que independem da vontade dos homens e mulheres, objetivas para o desenvolvimento social baseados em uma propriedade privada.

A permanência de Engels na Inglaterra fez com que ele conhecesse de perto a situação da vida, trabalho e a luta dos operários ingleses, sendo um fator fundamental para o aperfeiçoamento de suas concepções sociais, políticas, econômicas e filosóficas. Engels dedicou-se aos estudos científicos da economia política, observando e analisando a revolução industrial e a urbanização crescente. Mas também participando ativamente das mobilizações operárias, intervindo nas imprensas inglesa e prussiana, marcando a sua passagem à uma posição materialista, onde ele se liberta de suas concepções idealistas e passa para a defesa do comunismo proletário. Engels participou ativamente na Revolução Alemã de 1848-1849 e na fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, formulando uma teoria social humanística radical contribuindo com os pensamentos filosóficos, históricos, políticos e econômicos anteriores.

Em 1844, Engels conheceu Marx em Paris, na França. Juntos começam a desenvolver diversas teorias e escrever obras, sem se preocupar com a sociedade ideal, eles se preocupam em compreender a dinâmica do capitalismo, e por isso estudaram profundamente a origem do capitalismo, a acumulação anterior de capital, a consolidação da produção e a síntese dos estudos históricos do movimento operário. Conduzindo a concepção materialista da história, com uma base dialética.

Diante dessa situação, tanto Marx quanto Engels propuseram a criar conjuntamente uma obra crítica aos jovens hegelianos, revelando uma nova visão de história.

Marx e Engels constrói a dialética materialista, se opondo à dialética idealista hegeliana, afirmando que a dialética de Hegel ficava no plano das ideias e do irrealizável, e Karl Marx, buscou adaptar a dialética ao real¹⁰. Marx afirma que o pilar da sociedade civil é a propriedade privada, e na medida em que um Estado for baseado na propriedade privada, é, ele próprio, uma alienação da verdadeira natureza do homem. Segundo Silveira (1989) o marxismo fundou na história do pensamento uma ontologia baseada na dialética histórica, que redefiniu uma série de questões sobre a relação entre o homem e sua história, e do homem com ele mesmo.

Marx e Engels, decidem desmascarar as raízes de classe do jovem hegelianismo fazendo sobre ele uma exposição demolidora no prólogo de *A Ideologia Alemã*, escrita em 1845-1846. Obra de crítica filosófica, com análises contundentes das raízes da sociedade capitalista, da industrialização, da opressão da classe trabalhadora e das suas primeiras formas de organizações e lutas. Nela, enuncia o princípio pelo o qual a vida determina a consciência, e não a consciência a vida, a história é determinada não pela história mental de um Espírito hegeliano, nem pelos pensamentos e teorias dos homens individuais, mas pelos processos de produção das coisas necessárias à vida.

Marx passa a reconhecer que o proletariado é como “uma classe social verdadeiramente revolucionária no capitalismo, capaz de levar até às últimas consequências, a luta pela superação do capitalismo” (SIQUEIRA, 2011, p.12). Engels, por sua vez, destaca que uma livre concorrência na sociedade capitalista leva à constituição de monopólios, e que a revolução nas forças produtivas, pela industrialização e introdução das máquinas modernas engendra a superprodução, ou seja, uma possibilidade concreta de crises econômicas profundas. Com uma formação social cuja base é o meio de produção, mercantilizando as relações sociais, colocando a sociedade burguesa sob o controle do capital.

Para Engels, Hegel teve um papel fundamental na formação do materialismo histórico, pelo fato de que em sua dialética, Hegel traz importantes contribuições para

¹⁰ “Já nesta diferença, a centralidade encontra-se na oposição entre idealismo e materialismo. Enquanto a dialética hegeliana parte da ideia para atingir o real, a dialética marxiana parte do material para alcançar o real” (FRANCO, 2012, p.42).

o entendimento da história e da formação das instituições e do direito. E para o desenvolvimento do materialismo histórico, Marx apropriou-se da dialética hegeliana, porém o movimento de negação ao qual todo o processo de desenvolvimento da história passa. E esse processo está assentado em uma luta dos contrários concreta, essa luta seria a luta de classes.

Engels foi o primeiro a escrever um esboço sobre economia política e acender a ideia de que a análise materialista da estrutura da sociedade é acima de tudo econômica. Engels em Bremen, conheceu o proletariado de perto, vivendo como trabalhador e estudante da filosofia alemã. Suas obras cruciais para o desenvolvimento da teoria marxista, foram *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* e *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*.

1.2 Juventude Hegeliana

A dialética hegeliana foi ter repercussão após a morte de Hegel, em 1831. Dois grupos de pensadores, buscavam aplicar e interpretar a filosofia idealista de Hegel. Sendo eles os hegelianos de direita, que tinham como objetivo dar continuidade à filosofia de Hegel, e por outro lado, havia os hegelianos de esquerda, mais conhecidos como jovens hegelianos, que se apoiavam no caráter revolucionário da filosofia hegeliana, mas que buscavam uma transformação da sociedade. Ambos os grupos advogam a onipotência do governo, e a almejava a separação entre o Estado e a Religião, da ascensão do indivíduo, e da sua consciência de liberdade. Pois Hegel declara que o percurso de Deus através do mundo é que constitui o Estado e que ao lidarmos com o estado contemplamos a ideia, do próprio Deus presente na terra.

Muitas vezes, a divisão da escola hegeliana estabelecida por Strauß – baseando-se nas discussões em torno da filosofia da religião – entre hegelianos de esquerda e de direita foi identificada com outra divisão: aquela entre os “jovens” e os “velhos” hegelianos. Os velhos hegelianos são considerados conservadores (logo, de direita), os jovens são vistos como progressistas ou até revolucionários (logo, de esquerda). Atualmente, as designações “hegelianos de direita/velhos hegelianos”, de um lado, e “hegelianos de esquerda/jovens hegelianos”, de outro, são vistas praticamente como sinônimas. Da mesma forma tornou-se comum associar a Marx e Engels determinada fase “jovem-hegeliana” mais ou menos marcante. Todavia, a própria literatura especializada tem grande dificuldade em definir tanto o hegelianismo velho e de direita quanto o jovem e de esquerda; definição que normalmente só funciona com grandes generalizações.

Além disso, quase não há consenso em relação ao pertencimento de certos representantes a uma ou a outra corrente. Portanto, não basta delinear o surgimento do “jovem hegelianismo”; é necessário discutir até que ponto tais divisões são de fato adequadas (HEINRICH, 2018, p. 377)

A influência das ideias sociais francesas e a ideia econômica inglesa, fez com que os jovens hegelianos se opusessem ao governo prussiano na finalidade de desenvolver um movimento emancipatório, afirmando que o contexto histórico “podia-se criticar melhor a religião pela crítica das circunstâncias políticas” (SOUZA, 1992, p. 17). O governo prussiano perseguiu o grupo, através de censuras, os expulsou da Universidade, parte das suas obras foram proibidas, principalmente as que faziam críticas a religião cristã, a qual era a religião oficial do Estado.

A esquerda hegeliana recorria ao caráter negativo da dialética para argumentar que o movimento ininterrupto da Ideia nunca cessa e, portanto, em sua marcha ascendente, superaria o presente, negaria o Estado prussiano monárquico, anunciaria os novos tempos. (FREDERICO, 2009, p. 19).

O surgimento das contradições e do ápice do limite da esquerda hegeliana se deram através da Revolução Francesa que aboliu a monarquia absoluta, resultando no fim da sociedade feudal, mas que foi substituída por uma sociabilidade burguesa o que acentuou em toda a Europa o antagonismo entre burguesia em ascensão e o regime absolutista-feudal.

Arruinada pelo descobrimento da América e da rota marítima das Índias, que afastava dela, em benefício das potências litorais do Atlântico, o comércio internacional; privada de seus elementos revolucionários pelo fracasso da guerra dos camponeses; dizimada pela Guerra dos Trinta Anos; desmembrada pelo Tratado de Westfália e impotente para recuperar-se desse desastre por causa de sua decadência econômica, a Alemanha havia permanecido dois séculos à margem da grande revolução industrial, que transformava então a Inglaterra e a França, e fazia passar progressivamente a produção do estágio artesanal ao manufatureiro, e depois ao fabril [...] ao final do século XVIII a Prússia era, do mesmo modo que o conjunto da Alemanha um Estado feudal com um regime de produção essencialmente agrário (CORNU, 1955, p.15 tradução nossa)¹¹.

¹¹ Arruinada por el descubrimiento de América y de la ruta marítima de las Indias, que apartaba de ella, en beneficio de las potencias litorales del Atlántico, el comercio internacional; privada de sus elementos revolucionarios por el fracaso de la guerra de los campesinos, diezmada por la Guerra de los Treinta Años, desmembrada por el Tratado de Westfalia e impotente para recuperars! de ese desastre a causa de su decadencia económica, Alemania había permanecido dos siglos al margen de la gran revolución industrial que transformaba enlunces a Inglaterra y a Francia y hacía pasar progresivamente la producción del estadio artesanal al manufactero, y después al fabril. En realidad, Federico 11 había intentado crear manufacturas en Prusia, pero el ensayo no dio resultados de consideración, y al final

Os jovens hegelianos aplicam ao método, o sinal da ausência da revolução burguesa na Prússia, ou seja, o caráter não laico do Estado. Esse atraso se dava através da vinculação do poder estatal à Igreja, tanto católica como protestante, em torno da temática religiosa e política, iniciando a cristalização de posições no processo de crise do hegelianismo.

É significativo para a separação da escola hegeliana, em uma direita de velhos hegelianos e uma esquerda de jovens hegelianos, que ela não tenha nascido de diferenças filosóficas puras, porém de diferenças políticas e religiosas [...] Primeiro a distinção foi feita por Strauß e logo desenvolvida por Michelet, para deste então manter-se. A direita [...] seguindo a distinção hegeliana da religião cristã entre conteúdo e forma, acolheu positivamente o conceito de conteúdo, enquanto a esquerda submeteu, simultaneamente, à forma da representação religiosa o conteúdo da crítica. A direita queria conservar a história evangélica completa, a partir da ideia da unidade da natureza divina e humana, o centro [...] somente uma parte, e a esquerda afirmava que a partir da ideia não se poderiam manter os relatos históricos dos Evangelhos, seja total ou parcialmente (LÖWITZ, 2014, p. 61-62).

A tese de Hegel sobre o que é racional ser real e o que é real ser racional fez segundo Fabres (2015) com que os jovens hegelianos vissem diante de um paradoxo em relação à tese, já os hegelianos da direita tratavam de sustentar a tese como uma verdade absoluta. Em 1985, Engels decide realizar um balanço do pensamento hegeliano, analisando uma contradição entre o método e o sistema¹², pois a razão hegeliana, nesse período, não era uma razão unilateral (iluminista); mas sim uma razão influenciada pelo trágico, “a razão hegeliana poderia ser compreendida também como uma razão de leve toque trágico, como pode ser visto em um de seus escritos de juventude sobre o espírito do cristianismo” (CALDAS, 2006, p.3). A razão reconhece que a “a unidade concreta pressupõe a razão, unidade que envolve e ultrapassa o eu e a coisa, eu e mundo [...] e que [...] o meio fundante de sua reunião, passado lado da subjetividade” (ROHRMOSER, 1970, p. 64).

del siglo XVIII Prusia era, del mismo modo que el conjunto de Alemania, un Estado feudal con un régimen de producción esencialmente agrario. (CORNU, 1955, p.15)

¹² “Nomeadamente, colocando-se o fim da história no [facto] de a humanidade chegar ao conhecimento, precisamente, daquela ideia (sic!) absoluta e de se declarar que esse conhecimento da ideia (sic!) absoluta é alcançado na filosofia de Hegel. Com isto, declara-se, porém, todo o conteúdo dogmático do sistema de Hegel como verdade absoluta, em contradição com o seu método dialético dissolvente de todo o dogmático [alles Dogmatische]; com isto, o lado revolucionário fica abafado sob o [lado] conservador que [o] asfixia. E o que vale para o conhecimento filosófico, vale também para a prática histórica” (ENGELS, 1985, p. 382).

Karl Marx demonstrou uma postura diferente em relação ao Estado Prussiano, a filosofia e o conhecimento sobre a realidade. Passou a ter um interesse investigativo maior na situação miserável dos trabalhadores, em uma relação conflituosa entre Estado e Sociedade Civil.

O jovem Karl Marx conseguiu perceber as condições materiais e sensíveis que o nascente proletariado moderno estava submetido: o trabalho assalariado e alienado, que deforma e nega a possibilidade de os trabalhadores conhecerem a totalidade das atividades produtivas e reprodutivas da sociedade, que começam com o processo histórico de privatização dos meios de produção, seguido da generalização e a consolidação política da burguesia com a revolução na França em 1789 [...] em 1843, torna claro para Marx o motivo das camadas médias e baixas da burguesia não serem os sujeitos responsáveis pela realização da emancipação humana, pois em sua visão, somente o proletariado como classe sofredora, alheia dos produtos sociais e com o conhecimento da objetividade da produção social capitalista, teria condições de sentir e entender a contradição da produção da pobreza na produção de riqueza do capitalismo, e realizar-se enquanto sujeito ao mesmo tempo que realiza a sociedade, enquanto “justa medida” da realização dos prazeres e do entendimento universal (MARTINS, 2021, p. 28).

O acirramento da luta de classes entre a burguesia e o proletariado, induziu o desenvolvimento paralelo de um movimento liberal e de um movimento democrático e socialista, esse duplo caráter da oposição causou a crise da esquerda hegeliana e sua superação pelo marxismo, e a expressão dos interesses históricos de um novo protagonista social: o proletariado, segundo Marx, “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes” (MARX; ENGELS, 1988, p. 66).

Hegel não fez observações do homem como um ser sensível, objetivo e natural, do ser como ele é, pois, a origem do conhecimento segundo Marx não se define pelo espírito, e sim pela superação da contradição entre o pensamento e a realidade externa. Desta forma, Marx passa a se distanciar da dialética idealista de Hegel, pois passa a compreender o homem como autoconsciência e o pensamento como um sujeito universal. A partir deste momento Marx “pôs-se imediatamente de acordo, em princípio, com as ideias de Feuerbach acerca da ontologia da natureza e com a sua atitude anti-religiosa” (LUKÁCS, 1979, p.15).

A realidade humana, por outro lado, só pode ser compreendida no sentido em que o indivíduo percebe a materialidade em sua existência [...] Marx herda de Ludwig Feuerbach a ideia de que o ser humano é como ser sensível, finito e dotado de necessidades, um homem que é condicionado pelo mundo sensível objetivo que o circunda (FABRES, 2015, p.272).

Para Marx e Feuerbach, são os homens que constroem as derivações pelas quais pode se explicar a história, e não a suposição de Hegel, baseada em crenças religiosas. Marx e Engels a partir de *A Ideologia Alemã* mostram suas abordagens materialistas, tendo como pontos de partida, as pautas dos “indivíduos reais, suas ações e suas condições materiais de vida” (MARX, 2007, p. 86). Que é quando Marx passa a rejeitar o caráter abstrato do gênero e passa a inserir termos históricos, posteriormente, econômicos.

1.3 Materialismo Histórico Dialético

O materialismo histórico foi elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels, no final do séc. XIX, a partir das suas análises sociais e econômicas, e a construção do materialismo dialético¹³ só passa a acontecer com o rompimento de Marx com Ludwig Feuerbach¹⁴ em 1845 (DA SILVA, 2015, p.01). “Feuerbach foi o único que teve para com a dialética hegeliana um comportamento sério e crítico” (MARX, 2008, p.116). Feuerbach esclarece que o movimento de Hegel, partia da religião, onde ele buscava supracumir a religião e depois restabelecer a religião, de certo modo que o empreendimento de negação da negação se resumiria a uma contradição da filosofia que, após negar a religião, se afirmaria novamente. Para Feuerbach a dialética hegeliana não passava de abstração “ele somente encontrou a expressão abstrata (...), a história não efetiva do homem enquanto um sujeito pressuposto” (MARX, 2008, p. 119). Marx passa a fazer as suas críticas sobre a ideologia de Hegel, sobre a obra *Fenomenologia do Espírito*.

¹³ O trabalho de Marx e Engels em matéria de materialismo dialético é imensa. Os dois autores possuíam uma concepção da história, que teria como base o desenvolvimento das forças produtivas, que conduziriam necessariamente ao socialismo e que o fim da sociedade capitalista seria inevitável. Marx e Engels conceberam como um processo, o desenvolvimento do sistema capitalista, onde essa evolução geraria uma crise que levaria ao fracasso. Para Marx, o capitalismo não conseguira superar o feudalismo, mas estava perdendo força até chegar à fase do imperialismo. Esta fase levaria a uma revolução socialista para além daquele império dos homens que vivem do trabalho assalariado.

¹⁴ Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), foi um filósofo alemão do século XIX, conhecido por suas críticas à religião. Ele teve um papel importante na transição do idealismo para várias formas de naturalismo, materialismo e positivismo. Feuerbach surgiu como um líder dos Jovens Hegelianos, após a publicação de *The Essence of Christianity* (1841), no qual ele afirmava que o conceito de Deus, eram um reflexo de qualquer uma das características humanas, ou seja, dos desejos mais profundos da natureza humana. Feuerbach sustentou que o objeto apropriado do estudo filosófico é o próprio homem e a natureza, ao invés de Deus ou uma realidade que transcende a experiência humana.

O Materialismo histórico dialético¹⁵, tem por si, uma concepção de que a única realidade é a matéria em movimento, um método que consiste em uma sociedade como um conjunto de fenômenos naturais e sociais, enquanto aspectos da matéria em movimento. Na dialética de Marx, o indivíduo é um ser atuante na práxis, oposto ao idealismo de Hegel, que se dá através da tríade processual da tese/antítese/síntese. Tem como elemento primordial o pensamento ou o espírito absoluto. Hegel tem a ideia de que a realidade é uma ação contínua, já Karl Marx, retém essa ideia, pois Marx acredita que o ser humano é transformado pelas relações econômicas às quais ele é submetido.

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de "sociedade civil". Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política. (MARX, 2008, p. 47).

As relações econômicas que Marx refere, são os níveis sociais a qual cada sujeito está inserido dentro de uma sociedade, e é a partir daí que ela irá transformar o meio do indivíduo ser e pensar. Onde cada forma de pensar e ser depende das estruturas econômicas em que o sujeito está inserido, ao mudar essa estrutura econômica, mudaria o meio destes pensarem. Hegel acredita que o princípio que move o indivíduo, é a capacidade de realização, em Marx, o indivíduo só atingirá a sua forma plena a partir do momento em que os meios de produção não estiverem nas mãos de poucos, que no caso é os donos dos meios de produção.

A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes. [Homem] livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, burgueses de corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram, em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda sociedade ou pelo declínio comum das classes de luta [...] A moderna sociedade burguesa, saída do declínio da sociedade feudal, não aboliu as oposições de classes. Apenas pôs novas classes, novas condições de opressão, novas configurações de luta, no lugar das antigas. A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado as oposições de classes. A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois

¹⁵ O materialismo dialético busca enfatizar as características opostas e contraditórias das coisas e das pessoas. Por exemplo, de acordo com o materialismo dialético, "fogo" é inquestionavelmente quente, mas também pode ser visto como brilhante ou seco, dependendo do contexto.

campos inimigos, em duas grandes classes que diretamente se enfrentam: burguesia e proletariado (MARX, ENGELS, 1988, p. 66-67).

Marx e Engels, com a dialética materialista supera o idealismo alemão¹⁶, trazendo a dialética materialista como uma forma de compreensão para a transformação social. Segundo Da Silva (2015, p.03) para Marx, “não existem leis absolutas e eternas, pois tudo pode ser transformado com a ação do homem”.

Os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX, 2007, p.40).

Marx e Engels, em *Ideologia Alemã*, tematizam a distância entre a ideologia da sociedade capitalista e o existencial, fazendo uma crítica aos jovens hegelianos, mostrando que o que os jovens diziam combater, não repousavam sobre a realidade alemã. Para Marx, não partimos de dogmas, e sim de relações socialmente produzidas pelo intercâmbio entre homens, pelas condições reais em que se configura o movimento social (MARX, ENGELS, 1998).

Para Marx e Engels, o homem só faz história, a partir do momento em que ele tem condições de viver, ou seja, alimentação, moradia, e outras coisas mais. E essas necessidades assim que são atendidas, conduzem-nos a uma nova necessidade de subsistência, antes mesmo do sujeito poder fazer política, ciência, religião, ou seja, qualquer outra coisa, é o meio de produção que passa a organizar a sociedade e como cada indivíduo passa a se ver. Lembrando que os meios de produção nunca foram de todos, e sim de poucos, são daqueles que detêm a forma de sobrevivência, ou seja, os donos de indústrias. Universalizando os pensamentos através do interesse da classe dominante, nesse sentido:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual; de tal modo que o pensamento daqueles a quem é recusado os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante (MARX, 2007, p. 55).

¹⁶ O idealismo alemão surge como uma corrente filosófica, procurando sintetizar o espírito germânico diante da história, ele surge durante o iluminismo e começa a se desenvolver com o Kant, e outros principais contribuintes como Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Schelling, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Arthur Schopenhauer.

As lutas de classes a que Marx refere, sempre ocorreu, contudo, é no sistema capitalista que ela se consolida de forma mais acentuada. Marx e Engels buscaram compreender as contradições ao sistema capitalista de produção e a divisão social em classe, sendo a burguesia, a menor parte da população, contudo, detentora desses meios de produção, concentrando assim a maior parte do capital em suas mãos. Enquanto o proletariado, que era a maior parcela da sociedade, resta para esta, pouco ou quase nenhum recurso financeiro. “Quando Marx fala de capital, não pensa em algo que diga respeito exclusivamente à produção econômica ou às técnicas de produção, mas em algo que ao mesmo tempo se refere à sociedade e ao território” (QUAINI, 1979, p. 22).

O materialismo de Engels e Marx não surgiu juntamente com a dialética, pois o pensamento hegeliano¹⁷ era baseado na dialética, mas se tratava de uma dialética idealista¹⁸, que tinha como objetivo explicar e interpretar a realidade. “Marx inverte radicalmente o pensamento hegeliano com o conceito de transformação revolucionária das práticas sociais” (DA SILVA, 2015, p.03).

No sistema de Hegel, as ideias, os pensamentos e os conceitos produzem, determinam, dominam a vida real dos homens, seu mundo material, suas relações reais. (MARX. ENGELS. 2007, p.19). Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento (MARX. 2008, p.219).

Segundo Alves (2010, p.02) “a dialética de Hegel progride de duas maneiras básicas: trazendo à luz o que está implícito, mas não foi articulado numa ideia, ou reparando alguma ausência, falta ou inadequação nela existente”. O homem, em Hegel, somente se manifesta através das suas relações subjetivas e, em Marx, através das suas relações objetivas. A dialética é um dos referenciais comuns entre Marx e Hegel e por ela o oposto é superado e incorporado.

¹⁷ A filosofia hegeliana é, antes de tudo, um sistema fundado sobre o Espírito Absoluto (HARTMANN, 1983, p. 326).

¹⁸ Os termos "idealista" e "idealismo" surgem pela primeira vez com o filósofo alemão Gottfried W. Leibniz (1646-1716), mas é com George Berkeley (1685-1753), filósofo inglês, que adquirem o sentido que nós conhecemos, ou seja, como uma corrente filosófica que reduz toda a existência ao plano do pensamento, isso quando consideramos o pensamento segundo René Descartes (1596-1650).

1.4 A Origem da família, da propriedade privada e do Estado

A obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* é uma obra que conecta o capitalismo com o que Engels afirma ser uma instituição em constante mudança - a família. Caracterizando sistemas de parentesco e formas de matrimônio, como causas da formação familiar. A obra, por sua vez, foi escrita em 1884, por Friedrich Engels, que teve como base, os *Cadernos Etnológicos* de Karl Marx, uma pesquisa sobre o trabalho de Lewis H. Morgan¹⁹ – *A Sociedade Antiga* (1871). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, contém uma visão histórica da família, pautando relações como; questões de classe, subjugação feminina e propriedade privada. Segundo Engels, o Estado se impõe sobre a sociedade, com a finalidade de garantir a proteção da manutenção do poder. A obra tem o foco principal no materialismo histórico, focando na descrição do capitalismo e no conflito das classes, onde a propriedade privada veio para moldar o núcleo familiar, por meio da necessidade da preservação do patrimônio através do casamento.

A obra se destaca através do materialismo histórico relacionado com a antropologia, juntamente com as investigações de Morgan sobre as formas históricas de família. Engels descreve que as formas de família se deram a partir da evolução da sociedade, cujo progresso se deu através dos matrimônios por grupos, anteriormente da monogamia. A primeira instituição doméstica na história foi a clã matrilinear, e não a família nuclear patriarcal, uma sociedade onde as mulheres e os homens desfrutavam de um certo grau de liberdade sexual e havia uma concepção totalmente diferente de 'família', nas tribos matrilineares tinham como destaque o papel ocupado pela mulher em ambas as configurações familiares.

A família representa um princípio ativo. Nunca é estacionário, mas avança de uma forma inferior para uma superior, à medida que a sociedade avança de uma condição inferior para uma superior e, finalmente, passa de uma forma para outra de grau mais alto. Os sistemas de consanguinidade, pelo contrário, são passivos; registrando o progresso feito pela família em longos intervalos de

¹⁹ Lewis Henry Morgan, (1818-1881, Estados Unidos), é um evolucionista unilinear que afirmou que as sociedades se desenvolvem de acordo com uma ordem universal de evolução cultural. Etnólogo americano e um dos principais fundadores da antropologia científica, conhecida especialmente por estabelecer o estudo dos sistemas de parentesco e por sua teoria abrangente da evolução social.

tempo e mudando radicalmente quando a família mudou radicalmente. (MORGAN, 1970, p. 439, tradução nossa²⁰).

O campo de estudo sobre a formação do núcleo familiar ainda estava se iniciando no século XIX, e Lewis Morgan é quem resolve trazer várias revelações sobre o que viveu muitos anos entre os Senca Iroquois, sociedade de iroqueses, da região nordeste do continente, próximo do que é hoje Nova Iorque. Morgan morou em alojamentos comunitários fundamentados na descendência matrilinear com residência matrilocal, presenciou a solidariedade e o poder da imagem das mulheres na sociedade. A transmissão de bens e filhos era feita pela mãe da sociedade matrilinear, elas tinham autonomia e eram donas dos campos. Engels enfatiza o significado teórico do destaque de Morgan pelo clã matrilinear:

O descobrimento da primitiva gens de direito materno, como etapa anterior à gens de direito paterno dos povos civilizados, tem, para a história primitiva, a mesma importância que a teoria da evolução de Darwin para a biologia e a teoria da mais-valia, enunciada por Marx, para a economia política. (ENGELS, 1895, p. 29).

Na obra de Morgan, são estabelecidas três fases que marcaram a história: selvageria, barbárie e civilização. A sociedade comunista primitiva²¹, de acordo com Morgan e Engels, era um clã matrilinear onde mulheres viviam com irmãs classificatórias pondo em prática seus princípios de que "o filho da minha irmã é meu filho". Por viverem e trabalharem juntas, eram solidárias entre si, permitindo-lhes agir se necessário contra homens que não eram cooperativos.

Quanto ao regime familiar, enquanto ocupam suas antigas casas longas, é provável que um determinado clã tenha predominado; mas a mulher tomou um marido de outro clã e; às vezes, como novidade, alguns de seus filhos traziam suas jovens esposas até sentirem vontade de deixar a mãe. Como regra, as mulheres administravam a casa e provavelmente eram bastante apegadas uma à outra. [...] As mulheres eram o grande poder do clã, como estavam em toda parte. Eles não hesitaram quando a ocasião exigia que ele tocasse as buzinas do chefe. Como dizer. tecnicamente é retrógrado às fileiras

²⁰ La familia representa un principio activo. No se estaciona nunca, sino que avanza de un nivel más bajo a uno más alto a medida que la sociedad adelanta, y acaba por pasar de una forma a otra de grado más elevado. Em cambio, los sistemas de consanguinidad son pasivos; registran los progresos que la familia realiza a largos intervalos de tiempo y sólo cambian radicalmente cuando la familia ha sufrido igual cambio radical (MORGAN, 1970, p. 439).

²¹ Comunismo primitivo Marx y Engels sostuvieron que en las sociedades primitivas la propiedad era colectiva y, por tanto, no existía dominación de clase. Esta noción la tomaron de la obra de Lewis Morgan. Engels la utilizó para definir el materialismo histórico. (BEALEY, 2003, p. 82)

dos guerreiros. A designação original dos chefes sempre correspondia a eles. (MORGAN, 1970, p. 457, tradução nossa.)²²

Engels relata três estágios pré-históricos de cultura²³ que correspondem a três estágios de modelos familiares e como foram definidas, e em que regras eram governadas. A família consanguínea, foi o primeiro estágio de família, sendo ela o indicador primário de nossa natureza superior em comparação com os animais. Baseada em casamentos entre irmãos e irmãs. O único tabu dentro desse modelo familiar é o relacionamento sexual entre duas gerações (ou seja, pai e filha, avó e neto).

A família punaluana, segundo estágio, passa a ter como tabu o relacionamento sexual entre a mesma geração. Dividindo uma família em gente. Os cruzamentos eram proibidos dentro das gens (antropologia), embora primos em primeiro grau de gentes separadas ainda pudessem se reproduzir.

Já a família sindiásmica, são famílias em que o marido tem uma esposa principal. Nesse modelo familiar a propriedade e a economia começam a desempenhar um papel maior, por serem os donos responsáveis de propriedade de bens e propriedades específicas. Na família sindiásmica o homem possui uma esposa principal, e as mulheres tinham como dever manterem estritamente fiéis ao seu parceiro. Mas o mesmo não se fazia presente entre os homens, pois lhes era permitido o adultério.

Nasce, conforme indicamos, da família sindiásmica, no período de transição entre a fase média e a fase superior da barbárie; seu triunfo definitivo é um dos sintomas da civilização nascente. Baseia-se no predomínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai. A família monogâmica diferencia-se do matrimônio sindiásmico por uma solidez muito maior

²² En cuanto a su régimen de familia, mientras ocupaban sus antiguas "casas largas" es probable que un clan dado predominara; pero la mujer tomaba marido de otro clan y; a veces, por novedad, algunos de sus hijos traían sus jóvenes, esposas hasta tanto se sintiesen con bríos para dejar la madre. Como regla, las mujeres mandaban en el hogar y probablemente se mostraban bastante apegadas entre sí. Las mujeres eran el gran poder del clan, como lo eran en todas partes. No titubeaban, cuando la ocasión lo requería "en tumbar los cuernos al jefe". como se decía. técnicamente y retrogrado a las filas de los guerreros. Siempre les correspondía a ellas la designación originaria de los jefes". (MORGAN, 1970, p. 457)

²³ A cultura consiste “num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolizações e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (BRUHNS, 1995, p. 72).

dos laços conjugais, que já não podem ser rompidos por vontade de qualquer das partes. Agora, como regra, só o homem pode rompê-los e repudiar sua mulher. (ENGELS, 1985, p.66)

Durante o matriarcado, as regras da filiação e de herança eram baseadas através do direito materno, considerando apenas a linhagem materna para a definição do núcleo familiar, pois não era possível definir de fato, a linhagem paterna de cada criança, o que deu a mulher uma posição de destaque dentro das gens. Tal ocorrido foi o responsável por gerar no homem o desejo da derrubada da sucessão hereditária da linhagem materna, em favor de sua prole. A família monogâmica tornou-se o meio pelo qual a propriedade poderia ser transmitida de geração em geração e o casamento tornou-se pouco mais do que uma relação de propriedade.

Engels acredita que o aumento da desigualdade veio com o aumento da propriedade privada, à medida em que os homens passaram a controlar de fato a esfera da produção. Em suma, Engels viu a subjugação das mulheres como algo entrelaçado com o sistema patriarcal do capitalismo e com o direito paterno a fim de garantir a transmissão de sua linhagem e propriedade.

O desmoronamento do direito materno a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução". (ENGELS, 1985, p.61).

A “grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo” teve origem através dos povos pastores durante a Barbárie. A escassez de alimentos, fez com que os povos garantissem a sua subsistência, praticando a criação de gados, dando surgimento a agricultura. Dividindo e especializando o trabalho e a mão de obra. Passando a considerar rebanhos, terras e as ferramentas desenvolvidas como propriedade. E ao passo em que se desenvolvia a percepção de propriedade privada, despontava uma necessidade de regular este instituto, assim como garantir o seu direito e seu eterno usufruto, sendo ele o Estado. Já que o Estado é um reflexo do contexto socioeconômico.

A Igreja católica tinha um grande poder, aliado do Estado, visavam a manutenção do núcleo familiar, garantindo a integridade do patrimônio e a linhagem pertencente às famílias, para preservar o patrimônio que fora construído pelo patriarca, passando através de gerações a sua fortuna e títulos de famílias nobres,

enquanto aos pobres o interesse ao possuir filhos eram para que estes pudessem contribuir para o provimento da casa e do trato da terra e gado, o qual era sua fonte de sustento principal. Desse modo, gerando a primeira divisão de classes. Estes, por sua vez, por possuírem mais riquezas, decidem mudar as regras da filiação e da herança, substituindo o direito materno pelo paterno.

Novamente, Engels vê que a família é um mundo pequeno de um estado maior, pois “dentro da família, ele é o burguês e a esposa representa o proletariado”. O marido, que goza do fruto do trabalho, funcionando como burguês porque embora a esposa receba casa e comida o valor que extrai de sua esposa excede em muito o custo de seu sustento. Dando espaço à formação da família monogâmica/patriarcal e posteriormente o surgimento à família nuclear.

A obra tem como item importante o surgimento da família monogâmica tradicional, retratada pela dominância do homem sobre a mulher, sendo essa a primeira retratação de diferença de classes da história, sendo ela entre homens e mulheres. Com o foco principal no materialismo histórico, cuja análise focava na descrição do capitalismo e conflito de classes, com as descobertas de antropólogos do século XIX. Assim, anteriormente, o mundo do matriarcado estava se organizando sem classes, e a herança para os filhos era a de sangue de suas mães e não de bens, a terra pertencia a todos, era de uso coletivo e comum, e o Estado inexistia.

A origem da família, da propriedade privada e do Estado, tem diversas contribuições analíticas para uma teoria sobre o desenvolvimento da família, da propriedade e do Estado, ela procura retratar as estruturas de classes, opressão e a privatização do gênero feminino, o papel do casamento, a autoridade masculina, o controle da reprodução biológica, os bens econômicos e a propriedade privada. Fornecendo insumos consistentes para desvendar a natureza material e histórica dos modos de organização da vida social e familiar, Engels usa o método materialista para olhar os desenvolvimentos reais na história da sociedade, com a finalidade de expandir as ideias de Morgan e argumentar que a família não é um elemento básico de todas as sociedades humanas, mas é o resultado da ascensão da sociedade de classes, onde a família é uma instituição social condicionada e dialeticamente articulada de acordo com a estrutura social na qual o sujeito está inserido.

1.5 Matriarcado

O matriarcado foi estudado e discutido por diversas linhas argumentativas, presente na história, como por exemplo na obra *História das mulheres: a antiguidade* de Stella Georgoudi²⁴. Até mesmo por Cynthia Eller²⁵, em suas obras sobre matriarcado na História da Antiguidade e na Arqueologia. Na sociedade matriarcal a mulher tem uma imagem de autoridade absoluta dentro do núcleo familiar e/ou comunidade, pelo fato da mulher poder gerar uma criança, favorecendo seu papel principal na hierarquia familiar.

A antropofagia filosófica reconhece duas tendências psicossociais opostas presidindo a história da humanidade: o matriarcado, que resume o sistema mítico da vida primitiva e o patriarcado, que sintetiza as estruturas sócio-históricas da civilização. À primeira associa-se uma cultura antropofágica; à segunda, uma cultura messiânica (COSTA, 2014, p. 97).

Segundo Johann Bachofen²⁶, o matriarcado tem seu conceito associado ao direito materno, na obra *Mutterrecht*²⁷, em sua obra ele se preocupa em construir uma teoria da História de largo espectro, estabelecendo diálogo com os escritos de Morgan, levando seus conceitos para a Antropologia e para os cadernos de Karl Marx. E foi através de Marx, Morgan e Bachofen, que Engels escreveu *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Estabelecendo uma compreensão da História inspirada na tradição hegeliana da dialética.

²⁴ Helenista francesa, nasceu em 1937, Diretora de Estudos (Professora) emérito na escola Prática de Altos Estudos, Seção de serras religiosas, fundadora e diretora científica da revista *METIS, Análise antropologia dos mundos antigos* (desde 1986). Suas principais obras são *Bachofen, o matriarcado e a antiguidade: reflexões sobre a criação de um mito* e a obra *História das mulheres: a Antiguidade*.

²⁵ Eller nasceu em 1958 nos Estados Unidos. Antropóloga americana estudiosa do movimento neopagão, uma das suas principais obras são *O Mito da Deusa* e a obra *Cavalheiros e amazonas: o mito da pré-história matriarcal*.

²⁶ Johann Jakob Bachofen (1815-1887) foi um antropólogo e sociólogo suíço, famoso por sua teoria do matriarcado e seu trabalho sobre o papel das mulheres nas sociedades antigas. Seu trabalho chamou a atenção para a veneração religiosa de deusas como Afrodite e Deméter, proeminente em culturas antigas. Bachofen argumentou que o pensamento humano evoluiu de simbólico para místico e, finalmente, para a forma lógica da sociedade de hoje. Ele também foi capaz de mostrar que em diferentes sociedades o casamento e a família assumiram diferentes formas, e que as sociedades se desenvolveram do matriarcado.

²⁷ *Mutterrecht* (Mãe Direita) é uma obra de Johann Jakob Bachofen foi o documento seminal do século XIX, sobre o papel das mulheres nas sociedades antigas. Bachofen documentou que a maternidade é a fonte da sociedade humana, religião, moralidade e decência em sociedades como Líbia, Grécia, Egito, Índia, Ásia Central, Norte da África e Espanha. Ele descobriu o trabalho conectando a mãe ancestral com o Cristianismo, inspirando escritores como Lewis Henry Morgan e Friedrich Engels.

Segundo Bachofen (1967), através das descrições econômicas do período paleolítico, poderia de fato confirmar pequenos grupos matriarcais, pois as atividades agrícolas eram desenvolvidas apenas por mulheres. Nesse período a política era confiada apenas às mulheres, as enaltecendo como líderes, tendo a religião centralizada em cultos de divindades femininas. Porém, nas comunidades matriarcais prevalecia um alto senso de igualitarismo social por meio da posse comum sobre a terra, denominado por Bachofen.

Podemos destacar de fato a imagem da mulher através de escritos de Ésquilo, em particular a tragédia *Oréstia*, em que registra o primeiro caso de matricídio da literatura e da mitologia grega, e nas alegações de matrilinearidade por autores como Heródoto. Bachofen viu através dessas narrativas, que a imagem feminina se assume através de relatos de uma era primordial e os mitos representam a memória de experiências reais.

[...] Parece que, nas sociedades mais primitivas, as mulheres eram às vezes tidas em mais alta conta que os homens. O prestígio das grandes deusas na religião tradicional reflete a veneração do feminino. O surgimento das cidades, porém, significou que as qualidades mais masculinas de força marcial e física foram colocadas acima das características femininas. Daí em diante, as mulheres foram marginalizadas e tornaram-se cidadãos de segunda classe nas novas civilizações [...]. O culto das deusas seria vencido, e isso seria um sintoma de uma transformação cultural característica do mundo recém-civilizado. (ARMSTRONG, 1995, p. 61).

Como fenômeno religioso, descobertas arqueológicas revelam existências de artes rupestres e de estatuetas de cultos ao corpo feminino e a fertilidade e com isso à noção de origem da vida e do mundo, Jane Harrison marca essa transição para a associação do matriarcado com a ideia de uma Grande Deusa.

Um motivo por que esta questão é pouco conhecida é o fato de no passado os estudiosos se referirem rotineiramente ao culto à Deusa não como religião, mas como um "culto à fertilidade", e a Deusa como uma "mãe-terra". Contudo, embora a fecundidade das mulheres e da terra fosse, e ainda seja, um requisito para a sobrevivência das espécies, esta caracterização é muito simplista. Seria comparável, por exemplo, a caracterizar o cristianismo apenas como um culto à morte porque a imagem central em sua arte é a Crucificação (EISLER, 2007, p. 32).

Assumindo a importância do culto às divindades femininas antes do patriarcado, onde ritos de adoração a natureza, fertilidade e sacralidade eram priorizados. O arqueólogo Britânico Arthur Evans, encontrou uma escultura da Deusa

Serpente em uma de suas explorações em Knossos, argumentando que havia uma grande deusa-mãe que era adorada no mundo grego pré-clássico. Evans acreditava que as histórias da mitologia cretense tinham uma base histórica, e que as mulheres tinham uma posição central nas culturas primitivas, afirmando que ela se tratava de uma sociedade matriarcal.

1.6 Patriarcado

O Patriarcado²⁸ é um termo utilizado para descrever o modelo familiar que é dominado pela figura masculina, desenvolvendo a noção de uma supremacia masculina é algo natural e necessária, uma vez que aqueles que escreveram as leis, os livros religiosos, a filosofia, a história, os textos científicos eram, em grande parte, homens escrevendo para o benefício dos homens; dando ao homem, voz e educação de um grau elevado. Em 1859 é publicado, *A Origem das Espécies* de Charles Darwin, a obra foi considerada a base da biologia evolutiva, vindo a seguir *O Capital* de Karl Marx em 1867. Surgindo logo após trabalho de diversos antropólogos e historiadores que revelaram a existência de estruturas familiares, sistemas jurídicos e sociedades que eram radicalmente diferentes daqueles, a industrialização e a urbanização estavam em andamento na Europa e as mulheres estavam entrando rapidamente no mercado de trabalho.

Após a publicação de *A Origem das Espécies*, o classicista Johann Jakob Bachofen publicou um livro que foi fortemente adotado por Friedrich Engels; a obra *Mutterrecht*, revelando que o papel do pai na educação dos filhos não era reconhecido, e que as mulheres/mães detinham o poder no mundo. E que o homem só passou a ter os seus direitos com o surgimento do patriarcado, que eventualmente segundo Bachofen veio a substituir o matriarcado.

Primitivamente não se podia contar a descendência senão por uma linha feminina (..) essa situação primitiva das mães, como os únicos

²⁸ A associação entre famílias e patriarcado remete à origem do termo "*família*", oriundo do vocábulo latino *famulus*, que significa "escravo doméstico". Esse novo organismo social, a família, consolidou-se enquanto instituição na Roma Antiga. A família romana era centrada no homem, sendo as mulheres, no geral, meras coadjuvantes. O patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassallos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles. A autoridade do pater família e sobre os filhos prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado e duraria até a morte do patriarca, que poderia, inclusive, transformar seu filho em escravo e vendê-lo (ENGELS, 1985, p.61; XAVIER, 1998, p.125).

genitores certos de seus filhos, lhes assegurou (...) a posição social mais elevada que tiveram (...), Bachofen não enunciou esses princípios com tanta clareza (...) mas, o simples fato de tê-los demonstrado, em 1861, tinha o significado de uma revolução (ENGELS, 1985, p.10).

O patriarcado opera através de desigualdades ao nível da lei e do estado, mas também através do lar e do local de trabalho, é sustentado por normas culturais e apoiado pela tradição, educação e religião. Se reproduzindo por meio dessas normas e estruturas, que são, por elas mesmas, de natureza patriarcal; aparecendo, portanto, de maneira natural ou inevitável, em um sistema jurídico historicamente projetado por homens; existindo um persistente desconhecimento do estupro como simplesmente um excesso do desejo masculino; a vergonha cultural e religiosa de mulheres sexualmente ativas e a objetivação dos corpos femininos²⁹.

O sistema patriarcal, em uma simples definição, resume-se em um regime de dominação e subordinação em que o homem, geralmente o pai, patriarca, mantenedor e provedor, ocupa a posição de centralidade na família. Ele representa a autoridade máxima, na medida em que todos na casa, inclusive esposas e filhos, devem-lhe obediência plena: o patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.154).

Quando o termo patriarcado³⁰ começou a circular nessa nova formulação, abriu novos caminhos de pensamento. Engels, em *A origem da família, a propriedade privada e o Estado*, baseou-se profundamente em Bachofen para argumentar que o

²⁹ Narrativas bíblicas apontam para a conotação dos corpos das mulheres em períodos menstruais e do parto, como sendo sujos, contaminados e impuros. Neuenfeldt, ao analisar o livro bíblico do Levítico ressalta que as mulheres, nestes períodos, eram afastadas do convívio social e submetidas a purificações, evidenciando uma tentativa de segregação ou eliminação do que contamina ou é sujo. Assim, é possível perceber que, na história recente da humanidade, neste caso de textos bíblicos, os corpos das mulheres e dos homens foram sendo regulamentados, em especial, a partir de processos biológicos, o que garantiu eficácia argumentativa, em especial para as mulheres, dentro de uma sociedade patriarcal e androcêntrica (ANGELIN, 2015, p. 189).

³⁰ Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 3).

patriarcado foi um fator crucial no surgimento do capitalismo. Para ele, o patriarcado está associado ao desenvolvimento do casamento monogâmico para a propriedade privada hereditária, onde o homem passou a assumir o comando da casa; a mulher foi designada à servidão, tornando-se um mero instrumento para a produção de filhos.

O fato é que há milênios a mulher é o mais humilhado e oprimido entre todos os desprivilegiados. As reflexões machistas estão enraizadas devido às influências sociais do patriarcado nas relações de gênero. É lógico que à medida que as sociedades humanas evoluíram as formas discriminatórias contra a mulher também se transformaram, tornaram-se refinadas, sofisticadas, mas nem por isso menos inadmissível: A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente e uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais (ALAMBERT, 1986, p. 94).

O pensamento patriarcal se designa ao poder do homem, se tornando uma organização social onde mulheres são submissas aos homens, e os aos homens mais velhos. Atribuindo grande valor às atividades masculinas, legitimando e controlando a sexualidade e o corpo feminino, no qual o masculino Patriarca tem vantagem.

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Em todos os tempos, os deveres das mulheres, aqueles que lhes devem ser ensinados desde a infância, consistem em agradar aos homens, em ser-lhes úteis, em fazerem-se amar por eles, educá-los quando são pequenos, cuidar deles quando crescem, dar-lhes conselhos, consolá-los e tornar-lhes a vida agradável e doce (ROSSEAU, 2004, p. 527).

Na obra *Sexual Politics* de Kate Millett³¹, o patriarcado tem um conceito fundamental de poder, cujo patriarcado foi a ideologia mais difundida de nossa cultura. O amor romântico, por exemplo, era simplesmente um meio de manipulação emocional da mulher pelo homem, enganando-a para torná-la subserviente. Segundo D'Ávila Neto (1980, p.36), “a mulher do senhor se limitava à sua vida familiar, à procriação dos filhos e aos contatos com os escravos e amas, aos parentes e, por vezes, aos padres”, ou seja, estava sempre submetida aos interesses do patriarca.

³¹ Katherine Murray Millett (1934-2017), ativista feminista americana, artista visual, escritora e líder do movimento feminista. Sua primeira obra foi *Sexual Politics*, seus escritos servem como declarações sobre os movimentos feministas, de direitos humanos, direitos civis e antipsiquiatria.

Toda essa vigilância em torno da mulher era necessária para se resguardar a virgindade, a fidelidade e a honra [...] porque dela também dependia a honra do marido, tanto no que dizia respeito à fidelidade e a legitimidade da prole, quanto no que se referia à própria masculinidade do marido (FOLLADOR, 2009, p.9).

Aos homens eram permitidas aventuras sexuais, até mesmo com suas criadas e escravas. Um sistema reproduzido pela elite urbana, onde as mulheres, eram marginalizadas, e privatizadas de seus corpos e desejos.

2. FAMÍLIA PATRIARCAL: O DECLÍNIO FEMININO

2.1 Formação da família nuclear

A origem da família se deu a partir da evolução da sociedade, no progresso dos matrimônios por grupos anteriormente à monogamia. A monogamia, por sua vez, é uma organização familiar baseada no sistema patriarcal, caracterizada pelo homem chefe da casa, da mulher e dos filhos. Cabe destacar que “a ordem familiar econômico-burguesa repousa, portanto, em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos” (ROUDINESCO, 2003, p. 38). Segundo Engels a monogamia:

Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente (ENGELS, 1985, p.70).

A família monogâmica tem como finalidade de propiciar a manutenção da propriedade, e o homem nesse modelo familiar somente passa a estabelecer suas relações sociais e subjetividade através do trabalho, com isso ele precisa possuir bens e meios de produção, que por si só, configuram-se como propriedade privada. Tornando-se uma configuração familiar onde o seu formato é idealizado como ‘família tradicional’, cujo pai é chefe de família, responsável pelo sustento de seus familiares. Tornando-se ao lado das corporações, estruturas de base para uma sociedade civilizada.

Hoje, na maioria dos casos, é o homem que tem que ganhar os meios de vida, alimentar a família, pelo menos nas classes possuidoras; e isso lhe dá uma posição dominadora, que não exige privilégios legais especiais. Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário. (ENGELS, 1985, p.80)

O patriarcado se constituiu juntamente com as sociedades de classes, procedendo do modo de produção capitalista, assumindo formas singulares de existência, através de diferenças históricas e culturais, juntamente com a opressão feminina. Nesse momento, a terra era a principal forma de riqueza, pois seria através dela que extraíram seus meios de subsistência, configurando a vida familiar, pensado de acordo com as características da terra, determinando não só o tamanho da família, como a classe social.

Com o patriarcalismo principiou a asfixia do afeto. Os patriarcas deram início à prática dos casamentos por conveniência, que com o passar do tempo proliferaram ainda mais, quando se somaram aos motivos patrimoniais os motivos políticos. Nessa evolução histórica, do primitivo casamento afetivo, passou-se ao casamento institucional, com o qual se buscou assegurar o patrimônio, dando origem à ideologia da família parental, patriarcal, senhorial, patrimonial. Esta se define pela existência de um pai e uma mãe com seus filhos sob o poder pátrio, fruindo de um patrimônio familiar, que deve ser mantido como base física e para segurança econômica da família. (BARROS, 2002, p.07)

Em vista que em uma sociedade, ter propriedades são sinônimos de status ou pertencimento, reforçando a ideia de que os sujeitos que não possuem propriedade nada têm a oferecer. “Pode-se falar racionalmente do ser social tão somente quando se compreende que sua gênese, sua separação da base originária (...), estão fundadas no trabalho, ou seja, na contínua realização de finalidades colocadas” (LUKÁCS, 1976, p. 24), deste modo, entende-se que as configurações familiares estão permeadas pela sociabilidade burguesa, na qual as relações sociais cada vez mais são regidas pela competitividade e pelo consumo.

Oriunda do esfacelamento da sociedade feudal, não suprimiu a oposição de classes. Limitou-se a substituir as antigas classes por novas classes, por novas condições de opressão, por novas formas de luta. O que distingue nossa época – a época da burguesia – é ter simplificado a oposição de classes. Cada vez mais a sociedade inteira divide-se em dois grandes blocos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado (MARX; ENGELS, 2013, p. 24).

A família passa a se destacar na medida em que se desenvolve à propriedade privada, as tarefas de cuidar das crianças, do preparo da alimentação, do local de moradia são convertidas em atividades privadas, realizadas para cada proprietário. Na família, patriarcal, as mulheres eram apenas instrumento para as tarefas domésticas e para o parto, O desejo sexual das mulheres devia ser estritamente mantido para o desejo da maternidade, os homens tinham como responsabilidade a propriedade privada, comércio e política, ou seja, com a totalidade da sociedade.

A esfera pública, configurada como a esfera da produção material, centralizando as relações de propriedade, o trabalho produtivo (e a moral do trabalho) tem seu protagonismo reservado ao homem enquanto sujeito produtivo, mas não qualquer homem. A estereotípia correspondente para o desempenho deste papel (trabalhador de rua) é simbolizada no homem racional / ativo / forte / potente / guerreiro / viril / público / possuidor. A esfera privada, configurada, por sua vez,

como a esfera da reprodução natural, e aparecendo como o lugar das relações familiares (casamento, sexualidade reprodutora, filiação e trabalho doméstico) tem seu protagonismo reservado à mulher, através do aprisionamento de sua sexualidade na função reprodutora e de seu trabalho no cuidado do lar e dos filhos. É precisamente este o eixo da dominação patriarcal. Os atributos necessários ao desempenho deste papel subordinado ou inferiorizado de esposa, mãe e trabalhadora do lar (doméstico), são exatamente bipolares em relação ao seu outro. A mulher é então construída femininamente como uma criatura emocional/ subjetiva/ passiva/ frágil/ impotente/ pacífica/ recatada/ doméstica/ possuída. (ANDRADE, 2005, p.14-15).

A necessidade da mulher se restringir aos cuidados do lar e da aparência da família, não tem uma questão moral ou ética, mas rigorosa, por uma necessidade de ordem material. Para Marx a mulher e o homem serão totalmente iguais, quando a propriedade privada for abolida e uma sociedade igualitária e socialista for criada.

Consolidam-se a imagem da mulher como mãe e do homem como pai. Consolidação que se realiza tanto pela repressão negativa (as proibições do sexo não procriativo, o vício) quanto pela positiva. Nesta, a mulher é construída como um ser frágil sensível e dependente, numa curiosa inversão dos valores desses atributos. (...) Graças a construção de uma figura assexuada, os valores negativos se convertem em positivos. Por outro lado, como interessa conservar as mulheres fora da força de trabalho e da competição pela herança paterna, há uma verdadeira naturalização do feminino: tudo, na mulher, vem da natureza e é por natureza que está destinada a ser mãe. Seu espaço é a casa (CHAUI, 1991, p.134).

O casamento passa a se destacar como um meio do Estado intervir nas relações familiares, em prol da manutenção e da reprodução do capital, entende-se que se trata de um Estado burguês, pois ele não tem seu compromisso com todos, e sim uma classe em particular. Esse Estado garante as relações econômicas, protege o domínio das relações de produção e contribui para a acumulação capitalista, existindo apenas em função da proteção ao patrimônio e da defesa da propriedade privada. O Estado foi criado para assegurar a propriedade da terra.

Atenas apresenta a forma que podemos considerar mais pura, mais clássica: ali, o Estado nasceu direta e fundamentalmente dos antagonismos de classes que se desenvolviam no seio mesmo da sociedade gentílica. Em Roma, a sociedade gentílica se converteu numa aristocracia fechada, em meio a uma plebe numerosa e mentida à parte, sem direitos, mas com deveres; a vitória da plebe destruiu a antiga constituição da gens, e sobre os escombros instituiu o Estado, onde não tardaram a se confundir a aristocracia gentílica e a plebe. Entre os germanos, por fim, vencedores do império romano, o Estado surgiu em função direta da conquista de vastos territórios estrangeiros

que o regime gentílico era impotente para dominar (ENGELS, 1985, p. 190-191).

As características distintas entre a comunidade gentílica e o Estado fornecem a necessidade de medidas que garantisse os direitos de propriedade, como uma divisão territorial e garantia de herança através de posses de bens, à medida em que o capitalismo se desenvolve, essas desigualdades são desenvolvidas como parte da opressão de classe que emerge da propriedade privada e da estrutura e desenvolvimento da opressão e exploração capitalista.

Pode-se dizer que esta corrente sustenta que o patriarcado não resume a dominação da mulher, a submissão da mulher ao 'poder do macho', à disseminação de uma ideologia machista, mas esta também é um instrumento importante de exploração econômica que tem como principal beneficiário o homem branco, rico e adulto. Neste sentido, a violência contra a mulher seria fruto desta socialização machista conservada pelo sistema capitalista, desta relação de poder desigual entre homens e mulheres, que estabelece como destino natural das mulheres a sua submissão e exploração pelos homens, forçando-as muitas vezes a reproduzir o comportamento machista violento. (SAFFIOTI, 1979, p. 150).

A família patriarcal dá início ao surgimento da família denominada nuclear, que tem como destaque o núcleo pai-mãe-filho, mas que possui características semelhantes à patriarcal, contudo, a figura materna retorna a desenvolver um importante papel no seio familiar, desempenhando funções ideológicas para o capitalismo, onde a família atua como uma unidade de consumo e ensina a aceitação passiva de uma hierarquia.

As consequências da transformação da família nuclear na unidade econômica básica da sociedade é que a mulher se torna dependente de um homem individual, levando em consideração as dinâmicas do parentesco nessa sociabilidade em que a família se apresenta em sua forma monogâmica. Na família nuclear o papel social do filho se desenvolve através da submissão aos valores do pai; o homem deixa de ocupar o papel de senhor/proprietário e começa a ocupar a função de pai, provedor da sua esposa e filhos, a mulher por sua vez deixa de ser propriedade do marido, mas ainda permanece submetida ao homem tanto na esfera privada quanto pública.

Na família nuclear todos os membros da família passam a trabalhar conjuntamente, as mulheres ganham espaço no mercado de trabalho, porém com salários inferiores aos de seu marido, sem conseguir alcançar cargos de liderança. A

explicação biológica de que a constituição da mulher é mais frágil e inferior ao homem ainda se fundamentava na posição ocupada pela mulher na sociedade, limitando seu papel dentro da sociedade, mesmo que nesse modelo moderno de família patriarcal os direitos das mulheres passaram a ser debatidos e reivindicados de uma forma mais intensiva.

2.2 A subordinação imposta à mulher

A obra *a origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels retrata a história da derrota da mulher e o início da opressão do sexo feminino. Engels tem como base fundamental as pesquisas de Morgan em *A Sociedade Antiga* e *O Direito Materno* de Bachofen, onde, cujos autores relatam a tese de que nas sociedades primitivas, em certo período, teria predominado o matriarcado. Engels relata a passagem do clã para as diversas formas em que a família foi se adaptando, a família monogâmica patriarcal era apenas uma delas, que tinha como interesse de uma pequena classe dominante a busca do controle de a propriedade. Para Morgan a evolução da família estava relacionada às transformações do mundo da produção, através da divisão da sociedade antiga no progresso obtido através da produção dos meios de subsistência.

Primitivamente não se podia contar a descendência senão por uma linha feminina [...] essa situação primitiva das mães, como os únicos genitores certos de seus filhos, lhes assegurou [...] a posição social mais elevada que tiveram [...], Bachofen não enunciou esses princípios com tanta clareza [...] mas, o simples fato de tê-los demonstrado, em 1861, tinha o significado de uma revolução” (ENGELS, 1985, p.10).

E foi através da monogamia, onde o homem gerou a sua dominação sob o sexo feminino com o fim da procriação dos filhos numa paternidade incontestável, para o direito de herança. Privatizando o sexo feminino, “Aquilo que para a mulher é um crime de graves consequências legais e sociais, para o homem é algo considerado honroso, ou, quando muito, uma leve mancha moral que se carrega com satisfação” (ENGELS, 1985, p.81), tornando uma situação em que “o marido é o juiz da esposa, se ela comete uma falta, ele a pune, se ela bebeu vinho, ele a condena, se ela cometeu adultério, ele a mata” (STEARNS, 2007, p. 38).

No discurso de matriz filosófica grega, o autor destaca o olhar masculino da teoria filosófica, que pensava a mulher como um objeto,

ou seja, 'criaturas irracionais, sem pensar próprio', que deveriam viver sob o controle dos homens. Representações estas que, segundo o autor, é possível perceber no pensamento filósofo de Platão, Aristóteles e Hipócrates, que, por meio de um discurso masculino sobre o corpo feminino, construíram mitos que justificavam a inferioridade e a fragilidade feminina. Quanto às representações femininas presentes no discurso da moral católica, o autor ressalta que o modelo judaico-cristão exerceu influência significativa na definição do lugar ocupado pela mulher na igreja, na sociedade e na cultura ocidental, não restando dúvidas de que esse discurso foi fundamental para reforçar as desigualdades de gênero. (TEDESCHI, 2008, apud FARIAS, 2009, p. 12).

Na Idade Média, havia uma repressão sistemática do feminino, de maneira generalizada na Europa, onde as mulheres eram repreendidas por suas práticas de parteiras e curadoras em algumas tribos. "Elas eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolvem a saúde e eram também as melhores anatomistas do seu tempo" (MURARO, 2015, p.79-80). Mas acabaram sendo perseguidas pela igreja católica e pelos tribunais da inquisição, condenadas à morte na fogueira como bruxas.

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis (PINTO, 2010, p.15).

Dando o surgimento da caça às bruxas, o que contribuiu significativamente para a subordinação feminina e a repreensão sexual¹³, as limitando e as reduzindo exclusivamente ao âmbito doméstico. Sendo transmitido aos filhos valores patriarcais, visando "[...] manter a mulher no seu devido lugar" (MURARO, 2015, p.68).

Todas as mulheres sejam elas esposas, parteiras, bruxas, prostitutas ou freiras, são sempre descritas exclusivamente em termos sexuais (a bruxa dorme com o diabo e a freira, com Deus) (...) Mas de todas as acusações, é a confissão de feiticeira que melhor ilumina a situação sexual dessas mulheres. A acusação de feiticeira é sempre sexual, pois a feiticeira é aquela que dorme com o diabo (CHAUI, 1991, p.105).

Os filhos deveriam ser educados de forma em que fosse ensinado às filhas a obediência e submissão aos homens, e os jovens subordinados aos homens mais velhos, o filho deveria ser ensinado, como ser chefe do lar, provedor de propriedades. O filho homem está sendo treinado para ser um líder, a menina a ser uma seguidora.

Um dos grandes riscos gerados para as mulheres nas sociedades patriarcais encontra-se no fato da naturalização de seus papéis,

baseados especialmente em suas condições biológicas que acabam, muitas vezes, sendo uma justificativa para o exercício de relações de poder e opressão das mulheres. [...] A tentativa de fixar identidades duradouras de mulheres e de homens sob o pretexto de diferenciações naturais possui uma intencionalidade nada ingênua, e que precisa ser desmistificada para, então, se ter mais elementos para o debate acerca da corporeidade e das liberdades democráticas das mulheres (ANGELIN, 2015, p. 185).

Com o novo modelo de educação, origina uma hierarquia de atividades em que as masculinas têm alto valor e as femininas, baixo valor, as mulheres passam a depender do homem. E essa mulher ao se casar passa a se tornar propriedade do marido e por ser dependente do homem, ela passa a ter a sua sexualidade controlada, trazendo uma obrigação à mulher de sair virgem das mãos do pai para o marido.

Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que se torna inteiramente reservado ao homem. A dicotomia entre o privado e o público estabelece, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera, no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje (MURARO, 2015, p.40).

A monogamia gera a primeira divisão sexual do trabalho onde a mulher passa a ser privada, onde seu trabalho não é mais considerado produtivo como antes, o homem passa a realizar todo o trabalho produtivo e a mulher passa a viver em prol da casa e dos filhos. Segundo Saffioti (1979), o processo de aceitação da mulher no espaço doméstico deixando livre o espaço público para o homem, estaria de fato, naturalizando o resultado da história. Esse momento serviu para que as mulheres passassem a ser exploradas, e essa divisão só se fez possível devido ao surgimento da propriedade privada. Que segundo Engels, a opressão da mulher só surgiu como uma consequência da opressão econômica, então ela só vai ter a sua liberdade quando passar a fazer parte da vida pública assim como o homem.

A emancipação da mulher e sua equiparação ao homem são e continuarão impossíveis, enquanto ela permanecer excluída do trabalho produtivo social e confinada ao trabalho doméstico, que é um trabalho privado. A emancipação da mulher só se torna possível quando ela pode participar em grande escala, em escala social, da produção, e quando o trabalho doméstico lhe toma apenas um tempo insignificante (ENGELS, 1985, p. 204).

A família monogâmica tornou-se o meio pelo qual a propriedade poderia ser transmitida de geração em geração, o casamento tornou-se uma relação de propriedade, e na medida em que a demanda por excedentes aumentava, também

aumentava a demanda por trabalho, designando às mulheres uma posição de ter que produzir mais filhos para auxiliar no trabalho. E é através do modelo familiar monogâmico, que esse conflito de interesses raramente se transforma em uma revolução, pois instituições como a família desempenham a função de “controle ideológico”, ou de convencer as massas de que o atual sistema desigual é inevitável, natural e bom, funcionando a fim de promover valores que garantam a reprodução e manutenção do capitalismo.

Tanto Engels como Marx acreditavam que a emancipação econômica da mulher era uma condição prévia para a derrubada da burguesia. Engels argumenta que a instituição do casamento é a divisão desigual do trabalho, foi relativamente um retrocesso, em que a prosperidade e o desenvolvimento para alguns foi conquistado pela miséria e frustração de outros. Engels acreditava que ao invés de uma reforma do sistema de gênero da sociedade capitalista, as mulheres precisavam lutar pela revolução socialista, que geraria uma estrutura social sem propriedade e exploração, garantindo os direitos dos trabalhadores e das mulheres.

Engels acreditava na inclusão da mulher na indústria pública, a fim de dar valor ao trabalho feminino. Ele argumenta que apenas a esposa proletária, é capaz de quebrar o ciclo de exploração, e que as mulheres, portanto, precisam passar da esfera privada, onde seu trabalho não tem valor, para a esfera pública, para que elas possam se beneficiar com seu trabalho e ter reconhecimento.

Engels afirmou que, com a evolução da sociedade para um sistema comunista de produção, a própria família individual predominante no sistema capitalista deixaria de ser a unidade econômica social, dando lugar novamente à comunidade familiar. Dentro da história foram alcançadas conquistas para as mulheres no âmbito intelectual e familiar, e novas descobertas trazem um olhar novo sobre elas, cujo papel na evolução se revela tão importante quanto a dos homens. Novos estudos tentam resgatar que o patriarcado e o sistema de gênero não são uma lei universal e não são homogêneas. A obra *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas* (1935), escrito por Margaret Mead³², que mostra as mulheres em Tchambuli (ilha de nova

³² Margaret Mead (1901- 1978), foi uma antropóloga cultural americana, escritora e professora de antropologia na Universidade de Columbia em 1954. Mead foi nomeada curadora assistente de

Guiné), desempenhando um papel de liderança na aldeia, sendo elas as fornecedoras do alimento, enquanto os homens se dedicavam às crianças, é importante notar que esse modelo de comunidade é o oposto de um comportamento tradicionalmente atribuído aos americanos. As mulheres não eram desvalorizadas por estarem mais confinadas às atividades domésticas, pelo contrário, eram provedoras e raramente se dedicam à atividade decorativas e manuais, sendo consideradas femininas nos Estados Unidos e em outros contextos, mostrando que a masculinidade não se expressava necessariamente por meio da agressividade e a feminilidade por meio da passividade.

etnologia no Museu Americano de História Natural, ela era uma estudante de culturas primitivas. Suas principais obras foram *Growing Up in New Guinea*, *Sexo e Temperamento* e *Macho e Fêmea*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Engels reconheceu que a manutenção da família em favor da proteção da propriedade/bens, deu início a opressão feminina durante o patriarcado, sendo ela fonte de principais problemas, tanto historicamente quanto na sociedade contemporânea. Marx e Engels enfatizaram a exploração das relações de propriedade e usaram isso para mostrar as maneiras pelas quais elas são prejudiciais às mulheres, o discurso que foi propagado pela unidade familiar patriarcal incutiu a ideia de uma imagem feminina frágil, devota aos cuidados do lar, enquanto o homem ganhou status de provedor e defensor, delegando poder de autoridade sobre a vida dos demais membros. A mulher possuía uma condição de inferioridade comparada às mulheres escravas, pois ambas pertenciam a um senhor proprietário, uma em forma de esposa e a outra em forma de produto. O sistema de classes evoluiu gerando um distanciamento ainda maior entre dominador e dominados, de quem explora e de quem é explorado. Com a opressão sofrida ao longo dos anos fez nascer na mulher a necessidade de luta contra tantas situações de violência, abrindo caminho para suas conquistas. Seguidores da abordagem marxista, que têm sido as chaves na organização das mulheres em sindicatos, pressionando por salários iguais, e por uma colocação no mercado de trabalho. Pois existem casos em que as mulheres geralmente recebem menos e tendem a ocupar cargos subordinados. E para as mulheres que não estão na força de trabalho, a alienação ocorre de uma forma diferente, a de impotência, sendo as mulheres obrigadas a servir aos outros.

A normatização das relações familiares regulada pelo patriarcado atravessou a história, mas ainda se faz presente na atualidade. É importante lembrar que, na época da obra de Engels, as mulheres não tinham direito de voto, de uso de contraceptivos, nem sequer tinham direito de participação política e acreditavam que o lugar da mulher era na vida doméstica, hoje já se verifica casais onde ambos trabalham, e que gastam quantidades iguais de tempo de trabalho, mas as mulheres ainda sofrem com a injusta divisão das tarefas domiciliares, possuindo na maioria dos casos, a responsabilidade dos afazeres domésticos e da educação das crianças, sofrendo assim, com uma dupla jornada de Trabalho. Mudando costumes ocidentais e, conseqüentemente, a estrutura familiar.

A mulher conseguiu conquistar uma maior liberdade e autonomia financeira; conquistou o direito do voto; o direito hereditário atual considera tanto o lado paterno quanto o materno; A imagem da mulher associada apenas a ser dona de casa e cuidar dos filhos está sendo demolida. Surgindo um grande processo de inclusão social nos países, e juntamente com ele, veio surgir o acesso à educação para qualquer cidadão, sejam eles homens, mulheres e crianças, dando espaço à informação e a mais oportunidades profissionais. Passando a ter uma valorização da formação acadêmica e da construção de uma carreira profissional. Em relação à formação familiar; casa-se cada vez menos e, quando casa, é um casamento tardio. Dando espaço às diferentes configurações na constituição familiar, estas por sua vez alternativas ao modelo burguês, nuclear e patriarcal. Não havendo apenas o casamento monogâmico, mas se tornam cada vez mais comuns, famílias chefiadas por mulheres, famílias de criação, casais e famílias homossexuais, a poligamia, a poliandria e os poli relacionamentos, podendo envolver vários homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. In: **Revista Sequência**, n. 50, p. 71-102, jul. 2005.
- ANGELIN, Rosângela. Direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres: avanços e desafios na construção da democracia. Coisas do Gênero: **Revista de estudos feministas de teologia e religião**. São Leopoldo. V.1, n.2, p. 182-198, ago/dez. 2015.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BACHOFEN J. J. **Myth, Religion, and Mother Right**: Selection Writings of J.J. Bachofen. New York. Princeton University Press. 1967.
- BARROS, Sérgio Resende de. A ideologia do afeto. **Revista Brasileira de Direito de Família**. Porto Alegre: Síntese e IBDFAM, v. 4, n. 14, p. 5-10, jul./set. 2002.
- BEALEY, Frank. **Diccionario de ciencia política**. Ediciones AKAL, 2003.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: E. Romero (Org.), **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção Corpo e Motricidade, pp. 71-98).
- CALDAS, Pedro Spinola Pereira. História, ação e cultura: um esboço de comparação entre Hegel e Nietzsche. **Fênix -Revista de História e Estudos Culturais**, [S.l.], ano 3, v.3, n.2, p.1-19, abr./maio 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- COGGIOLA, Oswaldo. 150 anos do Manifesto Comunista. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

CORNU, Auguste. **Karl Marx et Friedrich Engels: leur vie est leur œuvre - Tome Premier - Les années d'enfance et de jeunesse, la gauche hégélienne, 1818/1820-1844.** Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

COSTA, Tiago Leite. **O perfeito cozinheiro das teorias deste mundo: a antropofagia ensaística de Oswald de Andrade.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

COUTO, L. N. A deserotização do corpo: Um processo histórico-cultural. In E. Romero (Org.), **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Corpo e Motricidade pp. 55-70).

CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero.** UFPR. Curitiba, 2014.

DA SILVA, Cláudio Rodrigues; DAL RI, Neusa Maria. Princípios educativos comuns e transcendentais em movimentos sociais de trabalhadores: Owenistas, cartistas britânicos e movimento dos trabalhadores rurais sem terra. **Revista e-Curriculum**, v. 17, n. 2, p. 699-725, 2019.

DA SILVA, Maria Leticia Miranda Barbosa. O materialismo histórico e sua influência na teoria histórico-cultural. **Tramas para Reencantar o Mundo**, n. 1, 2015.

D'Ávila Neto, M. I. **O autoritarismo e a mulher: O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro.** Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** 10. ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

FABRES, Ricardo Rojas. O jovem Marx e a realização da filosofia. Aufklärung. **Revista de Filosofia**, v. 2, n. 2, p. 269-288, 2015.

FRANCO, Paulo Merli. Dialética em Marx: uma perspectiva a partir de seus elementos centrais. Cadernos de Campo: **Revista de Ciências Sociais**, n. 16, 2012.

FREDERICO, Celso. **O jovem Marx (1843-44): as origens da ontologia do ser social.** São Paulo: Cortez, 2009.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fatos e versões**, v. 1, n. 02, 2009.

HARTMANN, N. **A filosofia do idealismo alemão,** Lisboa: C. Gulbenkian. 1983.

- HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna**: biografia e desenvolvimento de sua obra, volume 1: 1818-1841. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LÖWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche**: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX, Marx e Kierkegaard. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19 ed.- São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- LUKÁCS, Georg. **Ontologia dell'essere sociale**, I. Roma: Riuniti, 1976.
- MARTINS, Douglas Rafael Dias. **O pensamento de juventude de Karl Marx**. 2021.
- MARX, and Friedrich Engels. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo. SP: Expressão Popular, 2.ed, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988, p.66-67.
- MARX; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. – Porto Alegre: L&PM, 2013.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**, New York, William Morrow and c. 1935 (Trad. Bras. Rosa R. Krausz. São Paulo, Perspectiva, 2000).
- MORGAN, L.H., **La sociedad primitiva**, trad. cast. E. Pavlov, Madrid: Ayuso, 1970.
- MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAEMER, Heinrich; SPRENKE, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.
- NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia. **Famílias e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. 2006.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. In: **Rev. Sociol. Polít.** v. 18, n. 36. Curitiba. Jun. 2010.
- QUAINI, M. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROHRMOSER, Günter. **Théologie et alienation dans la pensée du jeune Hegel**. Paris: Beauchesne, 1970.

ROSSEAU, Jean Jacques Emílio. **Ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SILVEIRA, P A; DORAY, B. **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. [S.l: s.n.], 1989.

SIQUEIRA, Sandra MM; PEREIRA, Francisco. **Aspectos da vida e da obra de Marx e Engels**. Salvador: Lemarx, 2011.

SOUZA, José Crisóstomo de. **Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem-hegeliano** (Hegel, Strauss, Bauer, Feuerbach, Stirner, Marx). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. 148p.

STEARNS, Peter. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Criação e dialética do conhecimento**. Gestão do conhecimento. Porto Alegre: Bookman, v. 319, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antônio. História das mulheres e as representações do feminino. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008 apud FARIAS, Marcilene Nascimento de. A história das mulheres e as representações do feminino na história. **Estudos Feministas**. Florianópolis. Set./dez. 2009.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. A querela do conceito de massa na filosofia dos jovens hegelianos. **Controvérsia**, v. 12, n. 3, 2016.

XAVIER, E. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.